

Só o Sorriso Valeu: relato de experiências musicais de um aluno do NAPNE, no AEE de Educação Musical no Colégio Pedro II / *Campus São Cristovão I*

Maria Luiza Lage de Almeida
Colégio Pedro II/Depto Educação Musical
lulalmeida@yahoo.com.br
Rosemary das Graças P. Moraes
Colégio Pedro II/ Depto Ensino Fundamental I
rose.out09@gmail.com

Resumo:

Relatamos as experiências musicais com um aluno de seis anos de idade, matriculado no 1º ano do 1º Segmento do Colégio Pedro II, que apresenta um quadro severo do Transtorno do Espectro Autista no seu desenvolvimento global. O aluno ainda não interage com as outras crianças, não demonstra autonomia na repetição de ações propostas por outras pessoas e não adquiriu ainda a linguagem oral. Nas aulas de música não se interessa pelos instrumentos, sejam eles convencionais ou não, mas sente especial interesse pela flauta doce. Trabalhamos com o que sabe realizar. Os sons vocais em um “A” prolongado, os balanceios, os movimentos repetidos e o movimento de rolar no chão são aproveitados e incorporados em cantilenas curtas e repetidas, sempre entoando seu nome e os sons que consegue emitir. Para melhor entender as habilidades deste aluno e estar presente durante o processo de escolha de estratégias educacionais optamos pela observação participante como método de investigação. Já conseguimos resultados positivos em relação ao afeto, aos períodos na sala de aula regular, a capacidade de demonstrar na sala de música quando não quer que a professora pare de tocar e cantar. Temos como objetivo usar a música como elemento facilitador do seu desenvolvimento cognitivo e de sua adaptação na vida escolar e social.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado. Autismo. Educação Musical. Inclusão.

Introdução

“Amor é a capacidade de reconhecer como semelhante,
aquele em que as diferenças nos incomodam e também nos
encantam”
(Theodor Adorno)

O relato de experiência do aluno Luan¹ faz parte de um projeto interdisciplinar realizado no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE) do Colégio Pedro II, *Campus São Cristovão I*.

O projeto tem por objetivo elaborar um instrumento de avaliação que valide as evoluções alcançadas pelas crianças observadas pelo grupo e propiciar espaço para a construção de propostas interdisciplinares que possam contribuir para o desenvolvimento de

¹ A descrição das atividades do aluno Luan no presente trabalho se apresenta com nome fictício, respeitando-se sua identidade.

Luan. Faz parte desse grupo, professoras do NAPNE, Educação Musical, de Artes Plásticas e de Educação Física².

Esse relato se refere aos encontros semanais, de atividades do aluno Luan, com Transtorno do Espectro Autista (TEA), constituídos como Atendimento Educacional Especializado (AEE) de Educação Musical. O AEE define-se gratuito aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, é oferecido de forma transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, pelo Decreto 6.571/2008. Compreende-se o AEE por ser um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucional e continuamente, prestados de forma complementar à formação de estudantes (BRASIL, 2008).

O aluno é atendido individualmente, ora na SRM, do NAPNE, ora na sala de educação musical. O procedimento se mostrou necessário pela agitação demonstrada pelo aluno. Ultimamente, junto com o seu grupo, nas salas do núcleo comum.

No Colégio Pedro II, o aluno está matriculado no primeiro ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental e apresenta um quadro severo no seu desenvolvimento global. Locomove-se com facilidade, mas ainda não adquiriu a linguagem oral e a capacidade de repetir ações de modo espontâneo. Nos primeiros encontros não apresentava interesse nos instrumentos, sejam eles convencionais ou não, além de não realizar o ritmo de qualquer canção cantada ou tocada para ele. No final do semestre letivo seu comportamento começou a apresentar melhoras tanto nos encontros de música como em outras atividades.

Luan já permanece alguma hora junto com sua turma regular, em outros espaços do colégio, sempre acompanhado pela professora bidocente e/ou pela cuidadora.

A pesquisa e o AEE de educação musical se justificam porque as abordagens sensoriais, desenvolvidas nos encontros semanais de música, através dos estímulos auditivos, visual, motor irão facilitar o desenvolvimento e a adaptação de Luan na aquisição de novas habilidades, na rotina escolar e na sua vida social.

Apresentação do Problema

O aluno Luan, de seis anos de idade, foi matriculado no Colégio Pedro II em 2016. Diagnosticado com TEA. Luan frequentou uma escola regular de dois aos quatro anos e uma escola especializada. Fora do colégio é atendido por uma fonoaudióloga, um psicopedagogo e um homeopata. Está em processo de socialização com todos os profissionais que o atendem e começa a expressar afetividade em alguns momentos. Não apresenta agressividade constante e só fica mais agitado quando contrariado.

Nos encontros de educação musical muitas vezes fica agitado, se for para o chão, quer deitar, mas não é agressivo na sala de música. Não atende a chamados com autonomia como “vamos sentar”. Precisa ser conduzido pela professora. Mas não demonstra contrariedade, quando é levado por ela para o local ou situação solicitada.

Não percebemos independência quando alguns movimentos necessitam de uma intencionalidade. Por exemplo, o aluno levanta os braços e abaixa quando quer. Mas se houver um comando numa atividade musical, não o realiza. Se alguém realizar o movimento com ele sempre parece gostar

² Projeto de Pesquisa do NAPNE do *Campus* São Cristóvão I iniciou-se no 1º trimestre, com Portaria em 19 de maio de 2016.

Luan está acima do peso e sua motricidade apresenta algum comprometimento. Movimenta-se sem dificuldade, mas seus movimentos são geralmente tensos, cansa-se com facilidade e deita-se no chão após as atividades.

Ele não possui a aquisição da linguagem oral. Emite sons sem sentido (a vogal **A** de modo prolongado). Ele não emite outras vogais nem consoantes. Compreendemos que *neste momento* o mais importante é construir um elo com Luan através da música, para que ele possa se expressar, facilitar sua comunicação e desenvolver novas habilidades.

Já recebemos crianças com TEA, com Déficit Intelectual (DI), com Paralisia Cerebral (PC) e alunos com outras necessidades específicas do público-alvo da Educação Especial ou não. Mas, este é inédito pelo comprometimento tão severo.

Apesar de tudo, percebemos melhoras tanto no aspecto comportamental, quanto na aquisição de algumas habilidades, principalmente em relação ao relacionamento com os profissionais da escola.

Objetivo (Ed. Educação Musical.)

Usar a música como elemento facilitador do desenvolvimento da sua afetividade, da comunicação do aluno Luan com o outro;

Facilitar o desenvolvimento de sua capacidade de expressão;

Metodologia

Para melhor compreendermos o caso em estudo optamos pela pesquisa qualitativa usando a observação participante. A observação participante foi escolhida porque oportuniza um contato direto com o aluno, durante todo o processo de aprendizagem e de avaliação das estratégias pensadas para o desenvolvimento do aluno.

A observação participante é um método qualitativo de investigação no qual o observador pode obter dados e informações no momento em que ocorrem junto do objeto de seu estudo.

A observação é um exame minucioso e atento sobre um fenômeno ou parte dele torna-se uma técnica científica à medida que serve a um objetivo formulado de pesquisa e é sistematicamente planejado, registrado e ligado a proposições gerais (RICHARDSON, 1999).

No início do processo íamos à SRM, onde ocorre AEE do *campus* São Cristóvão I, para os primeiros contatos com o aluno Luan.

Envolvido com o brinquedo de encaixe “Torre de Hanói” não nos deu atenção. Havíamos levado instrumentos como tambor, chocalho, instrumentos não convencionais. Apresentados um a um, nada lhe despertou o interesse.

Em outro encontro o aluno teve as mesmas reações, até a professora começar a cantar seu nome e usar os sons que emite. Em dado momento deitou no chão, balançando o corpo e o braço de mãos dadas no alto, junto com a professora. “O pesquisador se torna uma ponte da situação observada interagindo com o sujeito da pesquisa” (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Em um segundo momento, procedemos à coleta de dados recolhidos nas fichas do Setor de Supervisão e Orientação Educacional (SESOP), nas reuniões da SRM com os outros

componentes do grupo de pesquisa, sob a orientação da professora Rosemary das Graças Moraes, nas informações colhidas no trabalho direto com o aluno, na observação deste em outros ambientes da instituição e na bibliografia sobre o autismo na escola.

Após a coleta de dados, sistematizamos, registramos e contextualizamos o material recolhido nestas diferentes fontes. Observamos que o trabalho com Luan é muito complexo e se concentra em diferentes situações de socialização, aprendizagem e na aquisição de habilidades básicas para a sua rotina escolar e familiar.

A pesquisa qualitativa nos permite o uso de múltiplas maneiras de coleta de dados. Sentimos falta de outros canais de informação, como a participação da professora na classe de música junto ao professor regente como observadora. Será uma situação nova. O aluno poderá ser observado numa atividade musical junto com os outros colegas, mas sem a interferência dela.

Especifica-se que a regularidade do processo de avaliação e análise se dará num período de três meses. Isto não exclui a necessidade da avaliação ocorrer em períodos curtos e regulares semanais³.

Análise e Discussão

Começamos o desenvolvimento desta reflexão lembrando a nossa função: somos professores. Não somos terapeutas.

Nossa função é adaptar o aluno à vida escolar, orientá-lo respeitando suas dificuldades, estimulando todas as suas potencialidades sensoriais, motoras, perceptivas, emocionais, afetivas, cognitivas, mentais e intelectuais. Nos casos de inclusão, todos os profissionais da escola, envolvidos com a situação como: professores, direção, SESOP, NAPNE, técnicos e cuidadores atuam juntos de modo multidisciplinar e interdisciplinar. O trabalho demonstra a importância da evolução da legislação que institui na Lei nº 12.764 (BRASIL, 2012), os direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

As atividades de educação musical começaram na sala de recursos, mas ultimamente são realizadas na sala de música. Temos solicitado que seja deixado mais livre. Observamos que em alguns momentos o encontro se torna mais difícil, porque é fácil para ele se dispersar num espaço mais amplo. Mas, como ele gosta de explorar o ambiente, consideramos a medida como positiva.

Segundo Cunha (2012), “objetos podem exercer atração não pela sua função, mas em razão do estímulo que promovem”. Nas aulas de artes, a professora pontuou que ele gosta de experimentar texturas. Depois que descobriu que as paredes da sala de música são forradas de espuma, sempre que pode fica agarrado à parede.

O autista cria formas próprias de relacionamento com o mundo social. É comum fixar-se em rotinas que lhe trazem segurança... Não interage normalmente com as pessoas e podem manusear objetos em movimentos repetitivos... Há uma fragmentação dos sentidos em que as sensações sobrepõem à razão, causando a compulsão e a repetição (CUNHA, 2012, p.28).

³ A determinação do tempo de avaliação com registro vincula-se a periodicidade do fechamento do trimestre escolar.

Luan tem fixação em objetos de encaixe. Muitas vezes já chega aos encontros com a Torre de Hanói nas mãos. Encaixa os discos freneticamente, sem olhar para o objeto, desarmando e reagrupando os discos em movimentos repetidos e contínuos.

Para despertar seu interesse criamos uma cantilena com encaixe de copos. Gosta do jogo, mas se aborrece quando a professora, cantando, sugere que haja pequena interrupção para logo continuar com o exercício. Procuramos manter a rotina das aulas sem grandes modificações para que não se sinta inseguro com as mudanças. Sempre respeitando o ritmo do aluno durante as atividades.

Os exercícios são de curta duração e muitas vezes interrompidos por dispersão. Não há uma continuidade na aquisição de suas habilidades. Pode se interessar e/ou realizar uma atividade e depois não repeti-la nos encontros seguintes. Para conhecer suas limitações e habilidades *valorizamos o que ele consegue realizar*, procurando criar atividades que sejam estruturadas nas habilidades já vivenciadas por ele. Tocamos no teclado e se ele corre, aceleramos o andamento. Se anda mais devagar, diminuimos o andamento.

Os sons vocais que emite, os movimentos de rolar no chão, os balanceios com os braços de mãos dadas com a professora, os movimentos repetidos de encaixe são aproveitados e incorporados em cantilenas curtas e repetidas em que seus sons e seu nome estão sempre presentes.

Sabemos que Luan ouve, mas não sabemos ainda a qualidade do que ouve. Realizou um exame chamado “BERA” (*Brainstem Evoked Response*) - exame que avalia os Potenciais Evocados Auditivos do Tronco Cerebral. Contudo não se pode afirmar mais detalhes sobre a sua audição, porque nos jogos de consciência auditiva, não conseguimos avaliar a sua percepção de intensidades e timbres, por exemplo. Registra-se aí um questionamento. O aluno não ouve pela dispersão constante no seu comportamento ou por um problema de discriminação auditiva? *Ainda não podemos responder.*

Luan ainda não possui a aquisição da linguagem oral. Se pensarmos que uma criança de seis meses já balbucia uma consoante, tomamos consciência do severo atraso do aluno na aquisição da linguagem.

Quando criamos as pequenas canções, geralmente em intervalos de 3ª, com sons sucessivos e de pouca extensão para cantar para o aluno, nas repetições, sempre cantamos a melodia com os sons que ele consegue emitir.

Percebemos que ele não repete o desenho melódico em relação a alturas e graus, mas já existe uma intencionalidade no que canta, em relação ao tamanho da frase entoada e à inflexão do trecho sonoro que emite.

Tem acontecido, que se ele está realizando um balanceio com a professora e esta para de cantar, ele emite a “sua cantilena”... Ele quer imitar a professora? *Ainda não podemos responder, mas avaliamos como uma possibilidade de progresso.*

Afirmamos sem dúvida que Luan é sensível ao som e o demonstra de forma muito clara. A mesma reação foi percebida quando ouviu a canção “Cai, Cai Balão” tocada no metalofone e repetida na flauta doce. Quando tocamos a flauta doce Luan muda de comportamento. Quando a professora para, ele encosta sua testa na testa da professora demonstrando com sons vocais que quer que ela continue.

O aluno não se interessa por instrumentos sejam eles convencionais ou não. Apresentamos tambor, xilofone, garrafinhas com sementes, vassourinhas de garrafa pet, caixas, chocalhos todos são ignorados. Ele pega uma baqueta, bate uma ou duas vezes e a deixa de lado. Para ele bater no tambor, por exemplo, a professora tem que realizar o movimento junto com ele. Não existe autonomia, escolha, nem intencionalidade no seu movimento.

Percebemos que o aluno não demonstrou ainda a capacidade de repetir ações específicas propostas por outra pessoa de forma espontânea. Sacode o chocalho com a professora pegando em sua mão e realizando junto o movimento. Consideramos sua presença na sala de aula regular, um incentivo muito grande. Ver outras crianças realizando as atividades propostas pelos professores ou criadas pelas próprias crianças pode estimular Luan a participar junto com os colegas outros colegas.

Todo o trabalho deve ser realizado com material concreto. Se vamos realizar exercícios de movimentos livres, oferecemos fitas, bolas, bambolês, etc. Continuaremos com as cantilenas, explorando outras possibilidades na emissão dos sons e com atividades em que possa realizar movimentos livres com o corpo.

Considerações Finais

Aprendemos em todos os encontros com Luan. Constantemente avaliamos e reformulamos a nossa prática pedagógica e as estratégias escolhidas. Estamos sempre comparando as habilidades que Luan apresentava ao chegar ao colégio, o trabalho feito durante este primeiro semestre de 2016 e como poderemos evoluir.

O aluno apresenta conquistas significativas em algumas áreas do desenvolvimento (aspecto motor, por exemplo) e um grande atraso em outras áreas (cognição/linguagem, por exemplo). Para tal é só lembrar que uma criança de dezoito meses já escolhe e manuseia, não importa de que forma, um instrumento musical. Apesar de tudo, em três meses de trabalho já temos algumas conquistas principalmente quanto ao afeto e quanto à adaptação ao ambiente da sala de aula regular. Luan já frequenta a sala de música, com toda a sua turma presente e no horário regular da aula de música. Neste momento o regente da classe é o professor de música que atua no horário daquela aula.

O aluno permanece pouco tempo, ainda não interage com os outros, fica com a professora bidocente, mas senta na rodinha e faz o movimento de roda, de mãos dadas com o professor de música, a professora bidocente e os colegas. Na sala do AEE de música também aceita o movimento da roda, mas nas duas situações, precisa de mediação e estímulo dos professores. Mesmo nos momentos de “agressividade” já percebemos que ao sinal de firmeza e carinho ele volta à calma. Interpretamos certas reações, não como agressividade, mas como uma forma de se expressar – já que este é um caminho difícil para ele.

Inspiramo-nos em Fonterrada quando diz no seu livro “De Tramas e Fios” (2005) que devemos visitar os educadores musicais pioneiros, sem adotar suas ideias de origem, mas buscar um embasamento às propostas educacionais que melhor se adéque ao trabalho com os alunos. Deles absorve-se a importância da experiência sensorial, através da música para o desenvolvimento de potencialidades e externalização espontaneamente de sensações emotivas. Lembramos-nos também dos ensinamentos de Schafer (1992) quando coloca que seus ensinamentos não é método para imitação. Schafer ressalta a necessidade de o professor criar seus caminhos para a expressão da musicalidade do aluno em conquistas cada vez mais amplas. Este é o procedimento que procuramos nas estratégias musicais a serem desenvolvidas com o aluno.

Os encontros com Luan relembram a importância do brincar com os sons, com o silêncio, com os sons vocais e outros sons do corpo, com o movimento, de forma lúdica, sem a ansiedade por resultados. Tudo deve acontecer no seu tempo. Precisamos aprender como ele aprende. Precisamos criar atividades que sejam funcionais e lúdicas para que ele sinta prazer em aprender.

No caso de Luan, tudo deve começar pelo afeto. O aluno aprecia o reforço positivo ao término das atividades. Gosta de bater com a mão espalmada na mão de quem está à sua volta. “O afeto é científico: ao consumir o afeto, o cérebro recompensa o corpo por meio da sensação de prazer e de alegria” (CUNHA, 2015, p.100).

Nos últimos encontros, percebemos um leve sorriso durante um jogo musical e nos balanceios embalados por uma cantilena. Só o sorriso já valeu!

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos de Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o §3º do art. 98, Lei nº 8.112, de 11/12/1990. Brasília, DF: 27dez2012.

_____. Senado Federal. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre atendimento educacional especializado, regulamenta parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de dezembro de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 dez. 2008, p. 26. Seção 1.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4ed. RJ: Wak Ed, 2015.

_____. **Práticas Pedagógicas para Inclusão e diversidade**. 2ed, RJ: Wak Ed, 2012.

FONTEERRADA, Marisa. **De Tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo, SP: UNESP, 2005.

GUERRER, Bruna L.; MENEZES, Jaqueline I. Percepção Musical em Crianças Autistas: melhora das funções interpessoais. **Revista Científica Ciência e Cognição**; 08/02/2014. Disponível em: <http://www.ciências e cognição.org/neuroemdebate>. Acesso em abr.2016.

MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**. São Paulo, SP: Pioneiras, 1998.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

SCHAFER, M. **O Ouvido Pensante**. São Paulo, SP: Ed. UNESP (FEU), 1992.

ZAPPAROLI, K. **Estratégias Lúdicas para o Ensino da Criança Deficiente**. 2ª Ed. RJ: Wak, 2014.